

Recensão bibliográfica

Julho de 2013

Costa, F. A. (coord.), Rodrigues, C., Cruz, E., & Fradão, S. (2012). *Repensar as TIC na Educação. O Professor como Agente Transformador*. Coleção “Educação em Análise”. Edição: Santillana. Lisboa.



Repensar as TIC na Educação. O Professor como Agente Transformador.

Trata-se de um livro que oferece uma importante reflexão sobre a Escola, sobre os Professores e sobre o papel das TIC nos dias de hoje.

Optei por analisar o conteúdo do livro, com exceção do prefácio, não por critérios formais de organização do livro (capítulos ou seções, por exemplo) mas antes pelos conceitos e tópicos que considero que são transversais às diferentes partes do livro e que se ligam com a linha de condução de todo o trabalho: a discussão sobre a integração das TIC na escola, no currículo e na aprendizagem.

Neste quadro, destaco os seguintes tópicos, como os principais contributos dos autores, neste livro, para a referida discussão: o poder transformador do professor no processo de adoção das tecnologias na escola, os desafios que as tecnologias apresentam ao professor nesse confronto com a realidade, a discussão sobre o lugar das TIC no currículo, as metas de aprendizagem e finalmente, as competências docentes relativas ao uso de tecnologias e necessárias à integração das tecnologias no currículo.

No prefácio e pela palavra da Professora Maria Elizabeth Almeida temos “de entrada” uma reflexão de grande interesse académico e prático. Com maestria e engenho no trabalho das palavras e dos conceitos, a autora do prefácio faz do poema de J. Darion e M. Leigh, na versão de Chico Buarque, “sonho impossível”, o ponto de partida e, ao mesmo tempo, o ponto de chegada do livro, com subidas e descidas constantes entre o poema e conteúdo do livro, como se de um carrocel de tratasse, com “trânsito” em todos os sentidos, uma vez que a análise realizada é de grande profundidade, a distâncias onde só os *navegadores* de maior fôlego se podem arriscar. Maria Elizabeth fornece assim ao leitor um quadro de inteligibilidade robusto, esclarecido e assente na sua visão do mundo, em que as tecnologias constituem em simultâneo um instrumento de poder dos mais fortes e uma tábua de salvação dos mais desfavorecidos, retomando a discussão sobre o fosso digital. Entre os que têm e os que não têm. Sublinho a recusa da autora em aceitar o uso das tecnologias como um rolo compressor que tudo procura homogeneizar, incluindo os processos de ensino e aprendizagem. As tecnologias podem e devem ser o meio da emancipação, da colaboração e da partilha, assegurado que esteja o acesso à informação e ao conhecimento, essa *chave* da cidadania por inteiro.

Contudo, alerta, a tecnologia só por si, não é suficiente para alcançar esse patamar da construção do conhecimento. Reconheço-lhe a ideia de vivermos numa espécie de espelho, reflexo de um sonho impossível: qual miragem de um oásis em pleno deserto: a visão do potencial das tecnologias e o caminho imenso, desafiante e cheio de surpresas, que falta para conseguir pisar a terra húmida e fresca e a água retemperadora.

No último folego, a autora volta a colocar o professor no lugar central da obra, atribuindo igual mérito e responsabilidade que os autores, ao

longo do livro reclamam para o professor: o papel de agente transformador, no que diz respeito ao uso das TIC na arena educativa.

O primeiro tópico surge na “porta de entrada do livro” (a apresentação escrita da obra), onde os autores identificam e definem toda a sua linha de argumentação: “A única forma da escola poder mudar, é que o professor a mude”.

Segue-se, em sucessivas aproximações, os marcos que esse caminho poderá apresentar ao *viajante*: o primeiro é o seu próprio questionamento sobre a escola e sobre si próprio e sobre o seu papel na satisfação das necessidades dos seus estudantes e da sociedade que os espera, um pouco mais à frente, nesse caminho.

Sublinho ainda alguns aspetos desta linha de pensamento:

- a importância da decisão individual do professor, na decisão de adotar as tecnologias;
- o processo moroso de aquisição de confiança, condição para passar à ação;
- o grau de profissionalismo do professor, entendido como o reconhecimento da obrigação profissional de tornar a decisão de aprender e preparar-se para a adoção das TIC nas suas práticas educativas;
- a importância de pensar as TIC numa lógica de racionalidade através da identificação do paradigma sócio construtivista como o contexto ideal para tirar partido do potencial transformador das TIC;
- a perspectiva de aprender com as TIC, como a que melhor serve os interesses dos professores e alunos, numa perspectiva de cidadania;
- o papel ativo dos alunos em todos estes pressupostos.

No tópico que se refere aos desafios que as TIC colocam aos professores, são referidos no livro os argumentos tradicionalmente sugeridos na literatura, pelos professores, aspetos que podem ser entendidos como justificação para uma integração mais escassa e frágil das tecnologias no currículo, os designados fatores de primeira ordem (fatores externos) e os fatores de segunda ordem (internos ao indivíduo) sendo estes últimos os fatores-chave que ajudarão (ou não) o professor a decidir a dar os passos necessários à utilização das TIC no currículo e na aprendizagem. Para tal terá que vencer alguns obstáculos. 1) O conhecimento que o indivíduo tem sobre as tecnologias; 2) o conhecimento que tem sobre o modo como usá-las, pedagogicamente; 3) a vontade de descobrir o valor acrescentado que as tecnologias podem aportar ao trabalho educativo e à aprendizagem dos alunos; 4) a capacidade de equacionar os objetivos de aprendizagem à luz das potencialidades das TIC.

O lugar das TIC no currículo é o tópico seguinte e traz para a discussão a questão de saber onde, quando e como é que as tecnologias e as múltiplas aprendizagens que se podem promover através do seu uso, podem e devem constituir “objetos” de aprendizagem no percurso escolar dos alunos. A resposta é clara: todos os espaços curriculares podem proporcionar oportunidades para que os alunos possam desenvolver competências quer no domínio do currículo e dos conteúdos quer na própria tecnologia. A posição de princípio assenta na “ natureza” transversal das tecnologias, relativamente aos conteúdos. Este processo deve prolongar-se ao longo de todo o percurso escolar do aluno. O argumento assenta na importância da aquisição das competências digitais como chave para a vida e para a sociedade no século XXI e é destacada pelos autores.

O livro faz ainda uma breve incursão sobre a história e sobre a evolução das tecnologias educativas bem como sobre as perspetivas pedagógicas no seu uso, tornando evidente que os desafios que as tecnologias oferecem à escola e aos professores, são “intemporais” e decorrem daquilo que é a definição do papel do aluno e a perceção que o professor tem desse papel.

O livro dedica uma parte da reflexão sobre a integração das tecnologias no currículo, aos fundamentos para as metas de aprendizagem, definidas para o currículo do ensino básico (2009-2010). As metas de aprendizagem constituem um referencial para a integração das tecnologias no currículo, envolvendo todas as suas disciplinas e áreas curriculares, e que, eventualmente, permitirão ajudar os professores a desenvolver esse processo de forma consistente e útil aos alunos. Destaco os fundamentos apresentados na sua elaboração: os resultados da investigação (em particular da psicologia desenvolvimentista) e a análise dos conteúdos programáticos dos programas em vigor, no momento da sua elaboração.

Os autores sintetizam no livro a estrutura que está na base das metas de aprendizagem e que, na sua perspetiva, constituem as competências indispensáveis ao uso das TIC por parte dos alunos: competências tecnológicas – conhecimento técnico e instrumental; competências transversais em TIC - (informação, comunicação, produção e segurança) e competências transversais gerais - (meta aprendizagem, autorregulação, autoavaliação, expressão, criatividade, ética). As metas de aprendizagem são para os alunos e nesse sentido é de relevar o esforço desenvolvido pelos autores em afirmar esta posição de princípio.

Esta posição de princípio não impede os autores, antes pelo contrário, de ressaltar a ideia de que os métodos de ensino-aprendizagem estão muito condicionados pela conceção que os professores têm do papel do aluno nos processos de ensino e aprendizagem, sendo que, neste caso, a

percepção desse papel indica que os alunos devem aprender a pensar, a resolver problemas, a criar, interagir e colaborar, com ou sem recurso às tecnologias, tomando o professor o papel de facilitar esse caminho, através da sua ação e intervenção, preparando os jovens para um mundo mais complexo, competitivo e sofisticado e portanto com exigências bastante mais elevadas.

O livro oferece alguns exemplos destinados a facilitar os processos de integração das TIC em várias áreas curriculares e disciplinares: língua materna, línguas estrangeira, matemática, ciências, história e geografia entre outras. Refira-se a importância que os autores concedem à articulação vertical das metas de aprendizagem ao longo dos ciclos de ensino, levando em consideração o currículo e o “estado” de desenvolvimento de crianças e jovens e, mais uma vez, destacando a importância do cruzamento de saberes e fazeres multidisciplinares e transversais das TIC.

O último tópico considerado nesta análise centra-se nas competências docentes para uso das TIC no currículo e na aprendizagem dos alunos.

Depois de ser apresentada uma proposta de referencial de competências TIC para os professores – as “macro competências” – uma “framework” que pode ser usada no diagnóstico das necessidades de formação do professor no domínio das TIC, o livro entra de forma mais aprofundada nas competências docentes para uso das TIC em contexto educativo. Neste aspeto, os autores invocam e analisam várias iniciativas e perspectivas de formação e desenvolvimento destas competências desde o projecto ACOT (Apple Classroom of Tomorrow) ao modelo de Koeler & Mishra (2006), designado TPACK (Technological Pedagogical Content Knowledge), entre outras referências.

Finalmente analisam com maior profundidade o modelo F@R (Formação, Ação e Reflexão) de Costa & Viseu (2008) entendido como um modelo cíclico de apropriação individual crítica e criativa das tecnologias em contexto educativos, cuja proposta assenta nas etapas de progressiva apropriação das competências: *rationale*, plano, prática, interação e reflexão. Este modelo, na minha perspetiva, confere consistência a outras posições de princípio identificadas ao longo do texto e, de certa forma, “dá corpo” às propostas dos autores no que diz respeito à integração das TIC no currículo e na aprendizagem, ajudando os professores a assumir o papel de “agente transformador na educação”.

Finalmente os pressupostos que refletem a visão dos autores sobre o papel das TIC em Educação: transversalidade, a importância da literacia digital como uma meta de aprendizagem fundamental nos dias de hoje, em resposta aos desafios do mundo do trabalho e da sociedade e o papel instrumental das TIC mas sobretudo a sua importância para o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo. Fica claro neste trabalho, o enorme potencial das TIC em educação, o muito que já foi feito e o muito mais que haverá por fazer, sendo que para fazer mais e melhor é necessário que os professores “tomem em mãos” o seu poder de transformação da Escola e da suas condições pessoais e profissionais.

Deixei para o final duas notas sobre este livro.

A primeira para considerar que este conjunto de reflexões é de grande interesse para a sociedade em geral e para a comunidade educativa em particular, pelos desafios que nos colocam os seus autores e que nos podem ajudar a “repensar” a educação neste princípio do século XXI. Um exemplo desta necessidade de “repensar” a educação é referido no conceito de literacia digital proposto pelos autores que consideram que “vai além do simples conhecimento sobre as tecnologias” e apontam novos horizontes em direção a um uso crítico e construtivo das tecnologias. Este

sinal é importante, mas, a meu ver, escasso na profundidade face às mudanças ao mesmo tempo rápidas e profundas a que assistimos na sociedade moderna (e na economia) exigindo por isso um aprofundamento (e eventual ajuste) das múltiplas facetas e significados do conceito de literacia digital.

Os autores acabam por chamar por isso à atenção para o valor do conceito de literacia digital que pode ser, nesta altura, um conceito demasiado estreito e desatualizado. Uma sociedade em permanente mudança exige uma maior rapidez na reflexão e em especial na ação educativa, de maneira que a escola possa responder de forma mais adequada às necessidades dos indivíduos em matéria de competências e capacidades a desenvolver no quadro de uma cidadania participativa e participada. Repensar as TIC na educação implica, também, antecipar, dentro dos limites e das possibilidades do quadro científico onde nos movemos, as necessidades vindouras da sociedade e da escola.

Este é um livro que nos aproxima do “chão da escola e da sala de aula” e, neste sentido, merece leitura atenta e dedicada. Mas a situação atual das nossas escolas, dos professores e dos alunos obriga-nos a muito mais do que isso: obriga-nos a “passar das palavras aos atos”, a agir e a tomar a iniciativa e a não ficar à espera. É também nossa responsabilidade e sobretudo compromisso, e retomando o poema “rompera incabível prisão, voar, num limite improvável, tocar o inacessível chão”.

Autor da recensão:

José Luís Ramos
Universidade de Évora